

Cardoso Alves chama líderes de "desleais"



retório votaram

Os líderes do PMDB no Senado e na Constituinte, senadores Fernando Henrique Cardoso (SP) e Mário Covas (SP) foram acusados ontem pelo deputado Roberto Cardoso Alves (PMDB/SP), um dos mentores e coordenadores do Centrão, de estarem sendo desleais para com o presidente Sarney. Eles se beneficiam do Governo, mas não o apóiam efetivamente.

Cardoso Alves está convencido de que o Presidente terá muito mais apoio político do Centrão do que da Aliança Democrática — PMDB e PFL — que lhe faltou. Como o Centrão tem maioria no Congresso, o Governo poderá executar as reformas necessárias e ficará livre dos desleais.

DIVISÃO

Não há interesse em decidir agora se o grupo do PMDB que apóia o Centrão é ou não maioria no parti-

do. Isso porque o processo constituinte está em pleno andamento e as decisões partidárias devem ficar para depois. Contudo, está convencido de que o Centrão é maioria no PMDB, pois conta com o apoio de vários governadores.

Nega Roberto Cardoso Alves que o Centrão seja a representação da direita no Congresso. O posicionamento do grupo é por uma Constituição equilibrada. Pessoalmente é favorável a um sistema que proteja o trabalhador da dispensa imotivada, como a indenização progressiva, em vez de uma "estabilidade goma arábica em que o empregado pês o pé na fábrica está logo garantido". Em relação à licença de gravidez, não compreende que se procure aumentá-la para 120 dias, pois o prazo atual, 86, já é suficiente. A solução para o filho de mulher trabalhadora é creche

e não o aumento da licença de gestante.

Entre as reformas que defende na Constituição, destaca Roberto Cardoso Alves, a total independência do Ministério Público, cujo titular deveria ser escolhido por seus pares. Sem essa independência não acredita que se conseguirá uma ação mais eficaz contra a corrupção, que, infelizmente, existe em todos os governos.

Cardoso Alves confessou também, no programa Opinião Pública, que se a disputa presidencial for entre o senador Mário Covas (PMDB/SP) e o ex-governador Leonel Brizola, não ficará com o candidato de seu partido. "É que, para mim, o Brizola é muito mais transparente, autêntico, e isto é o que se exigirá no futuro presidente da República. O Covas não é esquelada mas tem a mania de se compor com o PT" — observou.

Membro do MUP adere ao PSB

O deputado Ademir Andrade, 37 anos, o candidato mais votado nas últimas eleições do estado do Pará (53.396 votos), deixou ontem formalmente o PMDB para se filiar dia 19, ao Partido Socialista Brasileiro (PSB). Ao anunciar sua decisão durante a sessão da Constituinte, Ademir apresentou suas razões, críticas e ressalvas ao partido que abandona e a determinação de continuar lutando, dentro da legenda de oposição, pela "ocupação de espaços pelo movimento de massas". Foi saudado pela deputada Beth Azize (PSB/AM) e aplaudido de pé pelos poucos constituintes presentes à sessão.

Filiado ao PMDB desde novembro de 1975, Ademir lembrou que deixa o partido sem ressentimento ou desprezo. "Reconheço e louvo seu importante papel na história destas últimas décadas", disse. Acrescentou, no entanto, em seu discurso de 11 páginas, que "o PMDB já cumpriu o seu papel. Avançou para a democracia e por seus desacertos colocou o poder nas mãos de uma classe dominante gananciosa e corrupta. Ele não conseguirá passar disso, pois foi dominado pelos traidores infiltrados".

Foi esta constatação que fez Ademir Andrade, em meados deste ano, se destacar como um dos integrantes do Movimento Unidade Progressista (MUP) do PMDB, grupo que passou a atuar nas votações da Comissão de Sistematização em concordância com as idéias defendidas pelos partidos de esquerda e outros setores da Constituinte. O desligamento do partido vinha sendo acertado há alguns meses, e deve desencadear decisões semelhantes dos demais membros do MUP. A deputada Cristina Tavares (PMDB-PE), por exemplo, já anunciou sua adesão ao PSB, mas não formalizou a troca.

Ademir deixou claro que, quando no PMDB, ele e seus companheiros de movimento fizeram todo o possível para tentar "ser governo", acompanhando o presidente Sarney. "Fizemos um esforço extraordinário para isto, mas nos afastamos dele quando percebemos sua traição ao povo. Tentamos tirar o PMDB do Governo mas não conseguimos; vamos, portanto, mais uma vez para a oposição", afirmou.

Ele disse ter absoluta certeza que é na oposição, fortalecendo o PSB, que servirá muito mais às causas que defende: trabalhadores rurais, garimpeiros, pescadores artesanais, funcionários públicos, operários, pequenos comerciantes e produtores rurais.

Partido tem agora três no Congresso

Com a adesão do deputado Ademir Andrade, o PSB passa a contar com três constituintes: o senador Jamil Haddad, do Rio de Janeiro, a deputada Beth Azize, do Amazonas e, agora, Andrade. O partido espera ainda várias outras adesões, a começar pela deputada pernambucana Cristina Tavares, que já deixou o PMDB mas ainda não se decidiu pelo ingresso no PSB. Outros parlamentares que são esperados: Paulo Ramos, também do Rio, Domingos Leonelli, da Bahia, e Noel de Carvalho, ex-prefeito de Volta Redonda. No entanto, não há certeza de que eles façam mesmo essa opção. Noel de Carvalho chegou a pensar em acompanhar o prefeito do Rio, Saturnino Braga, quando este rompeu com o ex-governador Leonel Brizola e, juntamente com seu vice Jó Rezende, filiou-se ao PSB. No entanto, pressões das bases e até da família o fizeram recusar. Feitas as contas, o PSB ainda está muito aquém do crescimento que chegou a prever quando a ala esquerda do PMDB, o MUP, examinou a possibilidade de deixar em massa o partido de original e juntar-se aos socialistas.

Autênticos têm pressa

Os peemedebistas "históricos" (eles preferem ser chamados de sinceros) reúnem-se amanhã, na Câmara dos Deputados, para decidir se permanecem ou não no partido depois que a vitória do Centrão evidenciou a predominância dos setores conservadores. O encontro foi confirmado ontem pelas principais lideranças "autênticas" e representa, na prática, o fracasso dos esforços empreendidos pelo deputado Ulysses Guimarães no sentido de reaglutinar a legenda, através de um entendimento geral sobre os temas polêmicos da Constituinte.

Embora tenham começado ontem a trabalhar na elaboração de emendas aos pontos controversos da Constituição, atendendo ao apelo de Ulysses, os históricos (à frente o líder Mário Covas) entendem que o retorno do partido à sua linha programática não passa apenas pela Constituinte. Segundo o senador Fernando Henrique Cardoso, o racha é mais sério: "São as bases do PMDB que estão exigindo uma definição já que o partido está inteiramente descaracterizado pela presença dos não-programáticos".

CRISE JA

Com a reunião de amanhã, o que os autênticos pretendem é criar um fato político capaz de precipitar a crise dentro do PMDB, apressando as definições. No ritmo em que as coisas estão ocorrendo, acreditam líderes do movimento, os conservadores reunidos no Centrão não apenas aprovarão suas teses na Constituinte, como também, ao mesmo tempo, dominarão a estrutura partidária e farão o candidato da legenda à próxima sucessão presidencial.

O senador Fernando Henrique ainda fala em tentar reverter a predominância conservadora dentro do PMDB antes de sair para a fundação de nova legenda. Mário Covas vai mais longe: afirma que os peemedebistas sinceros são maioria e que, se alguém deve sair, são os integrantes do Centrão. Outros parlamentares do grupo, contudo, reconhecem que os "históricos" não têm como expulsar os centristas do partido ou sequer garantir a legenda para um de seus candidatos. A saída, portanto, é iniciar o quanto antes a organização de outra agremiação.

Para o senador José Ignácio Ferreira, ao contrário do que pregam Covas e

Fernando Henrique, não se deve aguardar o término da Constituinte para as definições no PMDB. "Uma coisa nada tem a ver com a outra. É preferível sair para um outro partido agora, se não obtivermos sucesso na tentativa de alijar os conservadores, do que permanecer pagando pela corrupção, a omissão ou a esperteza dos outros". Ele defende a convocação de uma convenção nacional ainda este ano, onde os dois grupos possam medir suas forças. Quem perder sai partido.

Esta preocupação com o tempo também persegue outros integrantes da facção. Afinal, com o final da Constituinte previsto para abril ou até maio, dificilmente o grupo teria condições de organizar um novo partido a tempo de concorrer às eleições de novembro. Isto vale tanto para a sucessão presidencial (na hipótese cada vez mais improvável de ocorrer no próximo ano) quanto para as eleições municipais. Afinal, é nas bases que o parlamentar assegurem sua sobrevivência política.

Se prolongamento da Constituinte atrapalha os planos dos autênticos, o deputado Ulysses Guimarães vê justamente na Assembléia a saída para a ameaça de racha no seu partido. Durante a reunião que promoveu segunda-feira em sua casa, com o objetivo de reverter as insatisfações do grupo, ele deixou clara a convicção de que, encontradas as soluções para os temas polêmicos, a legenda volta ao seu "leito natural". Foi contando com isto que o multipresidente encomendou ao líder Mário Covas um conjunto de emendas capazes de refletir o programa do PMDB, neutralizando as ações dos diversos blocos em que hoje se dividem os parlamentares. E uma tentativa de acabar de uma só penada com o Centrão e com a nascente reaglutinação dos históricos, evitando a ameaça de encolhimento ou até de desaparecimento total do partido.

FRACASSO

Em seu esforço, Ulysses tem lembrado reiteradamente, aos que falam em criar um novo partido, do fracasso eleitoral que perseguiu todos os que optaram por esta alternativa no passado. Chega a citar nomes: Itamar Franco, Alencar Furtado, entre outros. Na opinião dos autênticos, contudo, descaracterizado como está, o PMDB perde a cada dia a sua viabilidade eleitoral. O senador José

Ignácio Ferreira é um dos que admitem que o seu partido está "muito debilitado" junto à opinião pública, que preferiria uma legenda voltada para a social democracia, "como era o PMDB do passado". Os dissidentes do MUP já deram até nome a este novo partido: seria o Partido Social Democrático Brasileiro (PSDB).

FATO NOVO

Na tentativa de criar fatos políticos que os diferenciem nitidamente dos integrantes do Centrão, os peemedebistas sinceros têm vários planos, traçados ao longo de reuniões realizadas no último final de semana. Nesta estratégia, o encontro de amanhã, na Câmara dos Deputados, entra como uma espécie de convocação para a reaglutinação do grupo. Deverá ser aprovado um documento criticando a presença de fisiologistas no partido e proclamando o PMDB a retomar a sua linha programática. Neste primeiro momento, ainda não será defendido o rompimento definitivo com o Governo, tese que os autênticos preferem guardar como justificativa para a hipótese de abandonar o partido, no próximo ano.

A reunião de amanhã também se destina à preparação de um encontro maior, que deveria se realizar no próximo dia 21 mas que, de acordo com o líder Mário Covas deve ficar mesmo para a primeira semana de janeiro. Não será mais em São Paulo, como pretendia o ex-governador Franco Montoro, mas em Brasília. Devem comparecer, além dos parlamentares identificados com o movimento, governadores como Pedro Simon, Miguel Arraes e Waldir Pires.

Ao lado disto, os autênticos também pretendem atuar na Constituinte de modo a marcar a identificação do grupo com as teses progressistas de grande apelo junto à sociedade. Ontem à tarde, um grupo de vice-líderes e assessores do senador Mário Covas começou a trabalhar na elaboração de emendas aos pontos polêmicos da Constituição. Há posições fechadas em torno de determinadas dispositivos, enquanto em relação a outros, conforme o deputado Antonio Brito, estão sendo traçados diversas alternativas a serem negociadas com as demais facções da Assembléia. Todo o trabalho será discutido no encontro de amanhã, e apresentado ao deputado Ulysses Guimarães no dia seguinte.

CNBB envolve grupos no ataque ao Centrão

O secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Dom Antônio Celso Queiroz, afirmou ontem que o objetivo do Centrão é o de "voltar atrás em conquistas que representam avanços na ordem econômica e social". A dúvida que fica agora, de acordo com Dom Celso, "é se o Centrão conseguirá ou não este retrocesso".

O bispo entende que a situação hoje "é muito grave", pois não são mais os partidos que debatem os grandes temas. "Enquanto eram os partidos, havia um certo compromisso com determinados programas, mas a partir do momento que esses grupos se reúnem, não mais por programas — ainda que imperfeitos e rudimentares — mas se reúnem por seus interesses, o grande interessado — o povo — fica de fora", disse Dom Celso.

Ele lembra que a sociedade civil tinha feito valer sua voz nas subcomissões, comissões temáticas e sobretudo na Comissão de Sistematização. A grande

pergunta a se fazer, segundo o secretário-geral da CNBB, é "quem é a maioria?". Para ele, os constituintes devem representar a sociedade civil, o povo, "porque os interesses do povo têm que estar acima de interesses de grupos".

Para Dom Celso, se realmente prevalecer o interesse de grupos, "teremos uma Constituição favorecendo classes que detêm o poder, o dinheiro e os privilégios". A sociedade brasileira, segundo ele, é "uma vitrine disso aí, pois é uma sociedade de privilegiados ao lado de uma imensa maioria que nada tem".

VIDA CURTA

De acordo com Dom Celso, uma Constituição que não atenda ao mínimo dos "profundos anseios populares, val aprofundar as contradições da sociedade, levando à instabilidade e até mesmo a uma convulsão social". Caso o Centrão imponha o seu projeto de Constituição, Dom Celso profetiza uma Carta de vi-

da curta, que "não vai servir à realidade brasileira".

Lembrando uma "expressão feliz" cunhada pelo pensador católico Tristão Athayde, quando do golpe de 1964 — "o país legal e o país real" — Dom Celso afirmou que "vamos ter o aprofundamento desse fosso entre os dois países". O país legal, define o bispo, será "bem organizado, com todas as leis, e o país real será palco da insatisfação, da convulsão social, inquietação das massas, miséria, fome, invasões de terra, pilhagens, enfim, tudo aquilo que ninguém deseja".

Analisando o momento atual, Dom Celso disse que "estamos reaprendendo a viver politicamente". Os partidos políticos, segundo ele, nunca conseguiram chegar à sua maturidade. "Sempre quando chegam à sua adolescência, aparece um pal zeloso que coloca todo mundo de novo na creche, através de um golpe", advertiu. A grande doença da vida política, para o bispo, "é o fisiologismo".